UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

14

INSCRIÇÕES 59-63



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1985 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA
Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





ARA VOTIVA A TRIBORVNNIS

(Conventus Scallabitanus)

Гото 59

A ara foi encontrada, em reaproveitamento, a 27 de Agosto de 1985, no decorrer das sondagens arqueológicas que, juntamente com Guilherme Cardoso, levámos a efeito na villa romana de Freiria (freguesia de S. Domingos de Rana, concelho de Cascais). Está no Museu dos Condes de Castro Guimarães, de Cascais.

Em mármore róseo de S. Domingos de Rana, apresenta o capitel e a base destruídos na sua quase totalidade, assim como o ângulo inferior direito do fuste. Era, no entanto, trabalhada e alisada nas quatro faces. No capitel, resta o filete directo com que rematava a moldura. A molduração da base só está mais completa num pequeno trecho à frente: teria como que um escapo reverso seguido de listel simples, toro e escócia directa, rematando num rebaixo reverso.

Dimensões: $62 \times \frac{29}{26/26,5} \times \frac{28}{25,5}$

Campo epigráfico: $35,5 \times 26/26,5$.

TRIBORVNNI / T(itus) · CVRIATIVS · / RVFINVS · / L(ibens) · A(nimo) · D(edit)

A Triborunis. Tito Curiácio Rufino ofertou de bom grado.

Altura das letras: l. 1 a 3: 4; l. 4: L = 3,4, A = 3,2, D = 3,8. Espaços: 1: 3,5; 2 e 3: 1,5; 4: 3,5; 5: 10,8.

Ficheiro Epigráfico, 14, 1985

Paginação bem conseguida, segundo rigoroso eixo de simetria. Sente-se a presença prévia de linhas de pauta, pela regularidade dos espaços interlineares e pela forma como os vértices das letras estão acentuados. Pontuação triangular, usada também no final das linhas para equilibrar esteticamente o texto. Caracteres actuários, esguios, levemente inclinados para a direita, gravados com regularidade (à excepção do segundo I da l. 2, mais inclinado). Barras oblíquas e ligeiramente onduladas, com preciosismo, breve a do L, quase imperceptíveis as dos A; B assimétrico; R de haste bem lançada para diante; V geralmente assimétrico e nem sempre com a mesma abertura.

Triborunnis é divindade indígena cuja designação lembra o teónimo Trebaruna, que também aparece grafado Trebaronna e Trebaroni e que ocorre na zona da Beira Baixa. A hipótese de se tratar da variante em -i do mesmo teónimo não nos parece inviável. De facto, ao tratar de Trebopala, teónimo que lê na inscrição lusitânica de Cabeço das Fráguas (Pousafoles, Sabugal), António Tovar relaciona-o com o radical indoeuropeu treb, «que significa 'casa' em irlandês antigo» (¹) e considera da mesma raiz o topónimo Tribola, cidade da Baixa Andaluzia. Por outro lado, Vendryes (segundo julgamos poder deduzir de uma nota de Tovar, p. 256) chegou a propor que se corrigisse Trebaruna para Treboruna.

Continuará, pois, a discutir-se se a análise etimológica pode (ou não) lançar luz sobre a identificação de *Triborunnis* com *Trebaruna* e, também, sobre os atributos da divindade. O facto de o monumento ter sido encontrado em reaproveitamento retira-nos, por seu turno, as informações que a exactidão do contexto arqueológico poderia fornecer. Mas há um dado importante: a proximidade de abundante e perene manancial, que dá origem a uma pequena ribeira. Ora A. Tovar (art. cit., p. 256 n. 3) relaciona com o elemento «runa» (de Treba-runa) o hidrónimo Aronna (hoje, Aronde, afluente do Oise). A coincidência etimológica não deixa, por conseguinte, de ser aliciante. O vocábulo triborunnis podia ter sido formado a partir de um composto que significasse primitividade «casa da água» — passando a ser *Triborunnis* a divindade protectora da nascente.

⁽¹⁾ A. Tovar, L'inscription du Cabeço das Fráguas et la langue des Lusitaniens, «Études Celtiques» XI, 1967, p. 246.

Se Rufinus, o cognome do dedicante, é conhecido, inclusive no espaço olisiponense (²), o mesmo se não dirá do gentilício Curiatius, aqui documentado pela primeira vezz com segurança no território peninsular (³). Gens de grande tradição em Roma (⁴), poderia um dos seus ramos ter vindo até à península de Lisboa, onde se radicou. A não ser que se trate de gentilício formado a partir de Curius, bem documentado (por exemplo) na Egitânia. Rufinus, porque omite a filiação e venera uma divindade indígena é, seguramente, um dos autóctones a que esta família possibilitou o estatuto de peregrinos.

A fórmula votiva *libens animo dedit* não é frequente: Hübner não a regista; reconstituímo-la (A.L.D.) num texto de Ammaia (5). A fórmula mais corrente neste tipo de dedicatórias é, na Lusitânia, *libens animo posuit*.

Pela paleografia, pelo modo de identificação do dedicante e pela simplicidade do texto, pensamos poder atribuí-lo à segunda metade do séc. I da nossa era.

José d'Encarnação

⁽²⁾ C. Iulius Rufinus (CIL II 225), Sempronia Rufina (CIL II 250). Também Rufus: CIL II 227, 4996, 5227 e o texto de Alcabideche a publicar no próximo fascículo (n.º 68).

⁽³⁾ CIL II 954 = ILER 392, de Niebla, é reconstituição a partir de Cur[...]; CIL II 1109 = ILER 212, de Italica, a partir de Cu[...] (Vives lê Cun...); em CIL II 2211 = 5822, de Córdoba, apenas se lê Cur. O nome surge, no entanto, em CIL II 6013 = ILER 1295, numa homenagem, procedente de Leiria, ao cônsul M. Cornélio Nigrino Curiácio Materno, rival do imperador Trajano: trata-se, pois, de uma personagem alheia à Hispânia.

⁽⁴⁾ É sabida a lenda dos irmãos Curiácios que lutaram contra os Horácios. Há, no entanto, poucos testemunhos de outras famílias com este nome: tanto a RE, s. v. «Curiatius» (IV 2 col. 1830-4), como a PIR ² (1936), n.º 1604, referem, de modo particular, o orador e poeta Curiatius Maternus, do tempo de Domiciano; Forcellini, no seu dicionário antroponímico, indica como únicos testemunhos epigráficos registados, no masculino, CIL VI 1846 e CIL III 2019; no feminino, há diversos testemunhos em Roma, de que refere CIL VI 7662 e 16 619.

⁽⁵⁾ José d'Encarnação, Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, Coimbra, 1984, inscrição n.º 604, p. 668.



Гото 59

PLACA FUNERÁRIA DE ESCALOS DE CIMA

(Conventus Scallabitanus)

Гото 60

Placa funerária rectangular em granito, de execução simples mas regularmente cuidada, que identificámos, em 1981, numa das paredes interiores da igreja matriz da freguesia de Escalos de Cima, concelho de Castelo Branco, onde ainda se conserva.

O campo epigráfico foi ligeiramente rebaixado, encontrando-se envolvido por duas molduras.

Dimensões: 32×76 . Moldura: 5. Campo epigráfico: $22 \times 65,5$.



Гото 60

LICINIO · POLLI · F(ilio) / CILO BOVTI F(ilius) H(eres) · / EX T(estamento) F(aciendum) C(uravit) ·

A Licínio, filho de Polo. Cilão, filho de Bouto, o herdeiro, mandou fazer por disposição testamentária.

Altura das letras: l. 1:5,5/5; l. 2:5/4,5; l. 3:6/5. Espaços: 1 e 2:1;3:2;4:0,5.

Paginação cuidada, segundo um eixo de simetria. Alinhamento em ambas as margens, à excepção da l. 3. Ainda são visíveis os vestígios das linhas auxiliares. As letras, capitais quadradas, são de incisão triangular de abertura variável mas nítida. Os LL de Licinio (l. 1), de Cilo (l. 2) e o E de ex (l. 3), apresentam travessões curtíssimos, pouco perceptíveis já. Na l. 1, o C e o segundo O não são perfeitamente circulares; aliás, os três primeiros O foram seguramente retocados.

Licinius é um gentilício latino raro no centro e norte da Lusitânia, contando contudo com numerosos testemunhos na Hispânia (¹). Na região de Barcelona, são desta gens alguns dos membros das mais altas magistraturas municipais (²).

Pollus é um nome de origem latina que Kajanto relaciona com Paullus (3); não parece ter-se registado ainda no masculino.

Boutius é antropónimo característico da Lusitânia oriental, onde se situaria provavelmente o seu centro de difusão. Poderá ser relacionado com o céltico * bhoudhi — vitória (4).

Cilo é cognome de origem latina (5) que se documenta, por exemplo, em Baeza (CIL II 3337) e em Zamora (ILER 2326).

A ausência da invocação aos deuses Manes e a paleografia permitem datar o monumento do séc. 1.

MANUEL LEITÃO

⁽¹⁾ R. KNAPP, The Origins of Provincial Prosopography in the West, «Ancient Society», 9, 1978, p. 217.

⁽²⁾ Jordi Pons i Sala, Marcus Licinius Celtiber un membre important de l'aristocràcia municipal d'Aeso. Nous materials epigràfics. «Faventia», 1/1, 1979, p. 99-100. Aqui se regista, por exemplo, um M. Licinius Celtiber Fab. Licinianus, duúnviro, um outro M. Licinius L. f. Quir. Celtiber edil e duúnviro e um Q. Fabius Q. f. Gal. Maternus, igualmente edil, todos eles da mesma família. Sobre esta gens no Portugal romano, cfr. Vasco Mantas, Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras, «Conimbriga», vol. XXI, 1982, p. 80-81.

⁽³⁾ I. KAJANTO, The Latin Cognomina, Helsínquia, 1965, p. 243-4.

⁽⁴⁾ Vasco Mantas, art. cit., p. 47.

⁽⁵⁾ I. KAJANTO, o. c., p. 236.

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE PARADA (ALMEIDA)

(Conventus Scallabitanus)

Гото 61

Há já cerca de quinze anos que, ao preparar-se o terreno junto à habitação do Sr. José Limão Gata, em Parada (Almeida), para a plantação de um pomar, se encontrou este monumento (¹). Na altura, apareceram materiais de natureza diversa e, segundo o proprietário, o bloco granítico, que serve de suporte à epígrafe, estava assente sobre uns muretes de tijoleira, então destruídos: será, portanto, uma tampa de sepultura. Conserva-se, ainda, na posse do referido proprietário.

Trata-se de uma placa de granito, de grão médio da região, sem qualquer moldura, que, pelo desbaste das arestas posteriores, encaixaria nos muretes da sepultura em que se apoiava.

Dimensões: $135 \times 57 \times 10/12$. Campo epigráfico: 135×57 .

TALABVS / CAENONI (sic) / F(ilius) · HIC · STIT/VS (sic) · EST.

Aqui jaz Talabo, filho de Cenão.

Altura das letras: l. 1: 11,5; l. 2: 13,5/11; l. 3: 12; l. 4: 11/12. Espaços: 1: 14; 2: 5/6; 3: 4/5,5; 4: 7/5,5; 5: 57/57,5.

⁽¹⁾ Esta inscrição já foi por nós referida anteriormente num trabalho, dactilografado, para a cadeira de «Técnicas de Investigação Arqueológica» e que está depositado no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra: Carlos Alberto Chorão Teles e João Alberto dos Santos Teles, Levantamento toponímico e arqueológico do concelho de Almeida, Coimbra, 1981, p. 150-151. Corrigimos, agora, a leitura então feita de forma menos exacta.

Epitáfio bastante simples, gravado com caracteres que não apresentam sempre o mesmo módulo. Nalgumas hastes verticais notam-se ainda alguns ápices terminais, em forma de pequenos travessões horizontais, que, pelo seu tamanho exagerado, quase confundem os II com os TT e vice-versa. É, em suma, um trabalho pouco cuidado.

A antroponímia é conhecida na região. Apenas no patronímico seria de esperar o genitivo *Caenonis*, pois só *Caeno* foi, até agora, aqui identificado. No entanto, dada a existência de *Caenonius* (derivado daquele) noutra região hispânica (CIL II 3016, Velilla de Ebro) (2), será arriscado optar por qualquer deles, embora o primeiro seja o mais provável.

A grafia stitus por situs tão-pouco é novidade.

Carlos Alberto Teles João Alberto Teles



Гото 61

⁽²⁾ Vide Manuel Palomar Lapesa, O. L., p. 155, e também Maria de Lourdes Albertos Firmat, O. H., p. 69/70.

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE MÓS DO DOURO (V. N. DE FOZ COA)

(Conventus Scallabitanus)

Гото 62

No sítio da Cruzinha, junto a Mós do Douro e numa horta de Amílcar Moutinho, servindo de esteio numa latada, encontra-se esta inscrição (¹). Está gravada num bloco de lousa (xisto do hispaniano), característica de um local distanciado poucos quilómetros a sudeste. Originariamente terá sido uma estela funerária e encontra-se fracturada no sentido da vertical, pelo que lhe deve faltar, aproximadamente, o terço esquerdo. Há já bastantes anos, teriam aparecido ali «duas (!) pedras com letras»: da parte restante nada se sabe. Do lado direito, desde a l. 3 até à base, apresenta também uma pequena fractura que afectou apenas a última letra da l. 8. Por estar parcialmente enterrada, não foi possível verificar a altura exacta.

Dimensões: $165(?) \times 28(?) \times 8,5$.

[AL]BINVS / [A]PILI · F(ilius) / [CO vel TA]PORVS / [A]N(norum) XL (quadraginta) / 5 [H(ic)] S(itus) E(st) / [T]VREA / [A]LBONI · F(ilia) / [V]XOR · B(ene)M(erenti) / [F(aciendum) ·] C(uravit) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis).

Aqui jaz Albino, filho de Apilo, Taporo (ou Coporo), de quarenta anos. A mulher, Túrea, filha de Albónio, merecidamente mandou fazer (esta memória). Que a terra te seja leve.

⁽¹⁾ Apercebemo-nos da sua existência em Joaquim A. Castelinho, S. Pedro de Mós do Douro (Monografia Histórica), Carmona (Angola), 1974, p. 53 (foto pouco nítida); posteriormente, fomos informados do ineditismo deste monumento pelo citado autor, a quem expressamos o nosso agradecimento.

Altura das letras: 1. 1 a 5: 4,7; l. 6: 5; l. 7 e 8: 5,5; l. 9: 6. Espaços: 1: 29; 2: 2; 3: 2,7; 4: 3; 5 e 6: 3,2; 7 e 8: 3,5; 9: 4; 10: 64 (?).

Pelo que resta do monumento pode afirmar-se que ele foi feito com uma paginação bastante cuidada, quase segundo um eixo de simetria; letras bem desenhadas e com ápices terminais (conseguidas através de linhas auxiliares bem traçadas, de que restam ainda vestígios); puncti distinguentes em forma de pequenos CC invertidos (mas de módulo não uniforme) e usados com parcimónia (apenas nas l. 2, 7, 8 e 9). Apesar da dureza do suporte, conseguiram-se letras de traçado elegante.

Com a introdução de *benemerenti*, seria de esperar a dedicatória inicial aos Manes. Em todo o caso e pela paleografia, o monumento parece ser de finais do séc. 1.

É pena que não possa saber-se concretamente se o memorado era um galaico ou um lusitano: relativamente perto e fora dos seus territórios de origem temos dois *Copori* em Lamego (²), um *Taporus* em Viseu (CIL II 408 = ILER 3905) e outro na Guarda (³) (entre outros mais, onde a *origo* aparece em forma de *cognomina*).

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

⁽²⁾ CIL II 5250 = ILER 3759; João L. Inês Vaz, Breve catálogo das inscrições romanas de Lamego, «Beira Alta», XLI-3, 1982, p. 505, lê Copori em genitivo quando deverá estar em nominativo plural.

⁽³⁾ F. Russel Cortez, Os Tapori de Plinio — Subsidios para a sua localização, «Zephyrus», 3, 1952, p. 176; A. Vasco Rodrigues, A propósito de uma lápide do Mileu (Guarda), «Humanitas», 6-7, 1957-58, p. 98; e ILER 4577.



Fото 62

ESTELA FUNERÁRIA DE VALE DO CUNHO (ALIJÓ)

(Conventus Bracaraugustanus)

Гото 63

Encontra-se este monumento funerário na aldeia de Vale do Cunho — freguesia do Pópulo, concelho de Alijó — reaproveitado na construção da casa de João Inês (na Rua Central), deitado sobre o lado esquerdo e quase ao nível do pavimento.

A inscrição está de tal modo sumida que as pessoas da aldeia não se tinham apercebido ainda da sua existência e consideravam o monumento como sendo apenas um «cruzeiro», certamente devido à configuração da molduração do campo epigráfico (¹).

Dada a existência, poucas centenas de metros a ocidente, das já bastante conhecidas ruínas de um castro no Alto da Senhora do Pópulo, é possível que tenha sido recolhida nas proximidades.

Dimensões: $150 \times 45/47 \times 22$.

Campo epigráfico: quatro cartelas com $42 \times 16/17$.

D(is) M(anibus) / S(acrum) // RE/BV/RRI/A// FLA/[VIN(?)]//
⁵A .../... // ... S/V...// L(ucio vel Luciae?) .../ ... // AN/NO// RV/M//
—/ ¹⁰ XL (quadraginta).

Consagrado aos deuses Manes. Rebúrria Flavina(?) ... (mandou fazer a ...?), de quarenta anos.

Altura das letras: cerca de 6 cm.

O campo epigráfico é constituído por cartelas rebaixadas, limitadas por moldura simples, com cerca de 5 cm de largura, que se prolonga pela cabeceira; na base, a moldura tem 18 cm.

⁽¹) Depois de várias diligências, conseguimos saber que o Reverendo Dr. João Parente, de Vila Real, já se tinha apercebido da sua existência, embora nos confessasse não tencionar proceder à sua publicação. Aqui lhe agradecemos a informação.

Na leitura aplicaremos / na separação das cartelas e // no fim de linha.

A cabeceira, triangular e com cerca de 38 cm de altura, tem, em relevo, um crescente com 16 cm de largura entre as pontas.

Não nos atrevemos a reconstituir a leitura desta epígrafe, não só devido ac mau estado de conservação do monumento como também por serem diversas as variantes possíveis. Assim: na l. 2, o E pode ter sido cursivo (= II), embora se note um possível travessão inferior; nas l. 4 e 5, poderá ter sido Fla(vin)a; na l. 6, pelos vestígios, poderá ter estado gravado posuit ou ...sui(?); e, na l. 7, a sigla poderia corresponder a L(ucio), uma vez que a antroponímia inicial está em nominativo. Na l. 10, o numeral foi gravado na última cartela, deixando em branco o espaço anterior.

Além da consagração aos Manes, há a assinalar a grafia não abreviada de *annorum*, facto que se repete noutro monumento deste concelho (²) cujo formulário apresenta, aliás, algumas semelhanças com o que agora se descreve.

Pelo seu mau estado de conservação, além de mais uma identificação do antropónimo *Reburra* (ou *Reburria*) vulgar nesta região (³), este monumento quase que servirá apenas para qualquer estudo tipológico sobre estelas funerárias...

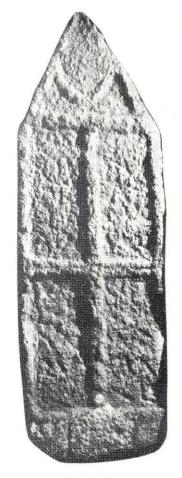
Pela invocação inicial, e admitindo uma dedicatória em dativo, este monumento poderá ser de finais do séc. 11 ou princípio do 1111.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

⁽²⁾ Vide Carlos A. Brochado de Almeida e Manuel Alves Plácido, A estela funerária romana da Quinta de S. Jorge, Favaios — Alijó, «Arqueologia», 7, 1983, p. 48/51; este monumento foi reaproveitado no próprio local, como se pode deduzir pelos materiais de superfície ali existentes.

⁽³⁾ Bastante perto, em Vilar de Maçada (Alijó), Aelius Reburrus: CIL II 2394a. Um outro monumento — CIL II 6291 — recentemente atribuído ao Pinhão (c. de Alijó) como «Pinhão (Régua)» por Alain Tranoy, La Galice Romaine, Paris, 1981, p. 250/251, diz respeito a um asturicense, Alfius Reburrus, mas deve pertencer ao concelho de Sabrosa: vide Mário Cardozo, Correspondência epistolar entre Emilio Hübner e Martins Sarmento, Guimarães, 1947, p. 181; IDEM, Catálogo do Museu Martins Sarmento, Guimarães, 1972, n.º 75; não sabemos com que fundamento F. Russel Cortez, O «castellum» da Fonte do Milho, «Anais do Instituto do Vinho do Porto», 1, 1951, p. 86, o atribui a Covelinhas (Régua).

Por, de algum modo, estar relacionado com esta região, à qual tem sido atribuída ultimamente, consideramos pertinente precisar a localização da ara dedicada à *Tutela Tiriensis:* somente pode pertencer à capela de N.ª Senhora da Ribeira, freguesia de Seixo de Ansiães, concelho de Carrazeda de Ansiães (Bragança); vide bibliografia em A. Tranoy, ibidem, p. 305, e também Mário Cardozo, Catálogo..., n.º 38.



Гото 63